

OS BRIDGERTONS — 1

*Julia Quinn*

O DUQUE E EU





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

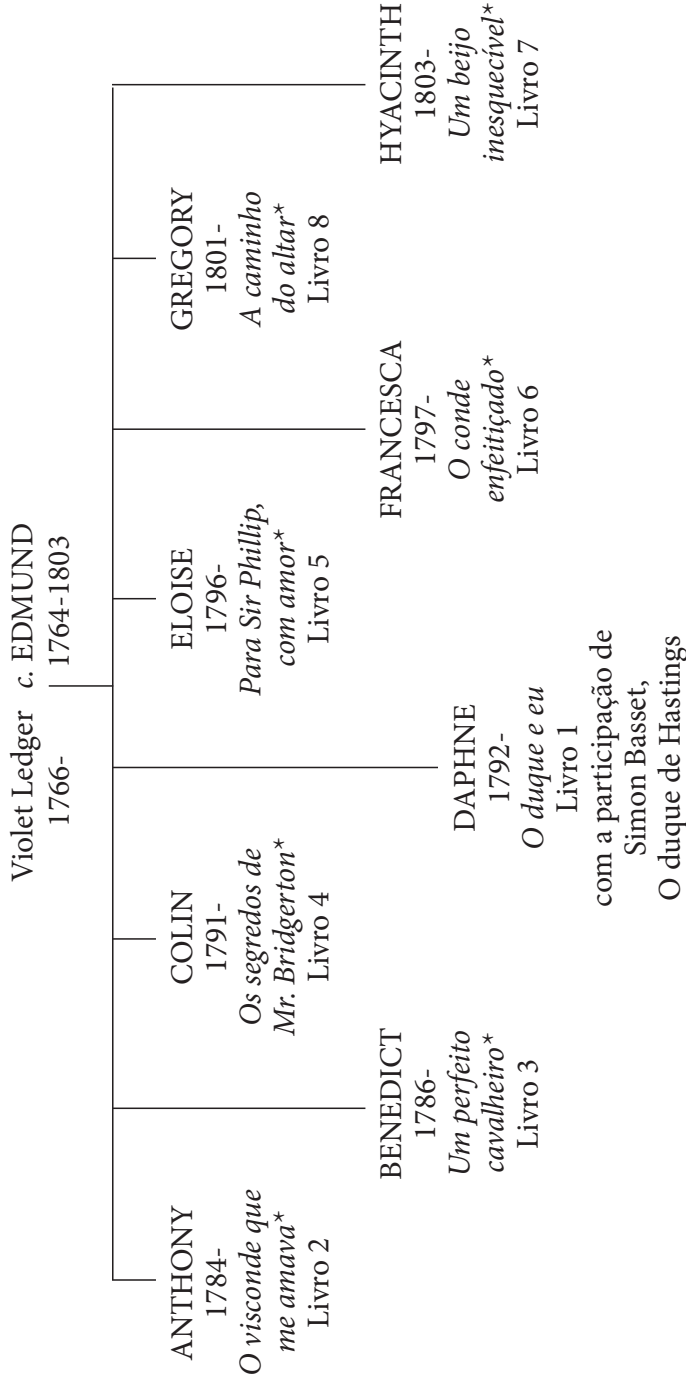
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Danelle Harmon e Sabrina Jeffries. Sem elas, eu jamais  
teria terminado este livro a tempo.

Para Martha, pelo título alternativo que sugeriu.

E também para Paul, ainda que sua ideia de dançar seja ficar  
parado segurando minha mão enquanto me vê rodopiar.

# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



\* Títulos provisórios

# PRÓLOGO

O nascimento de Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset, o conde de Clyvedon, foi recebido com muita alegria. Os sinos da igreja tocaram por horas, serviu-se champanhe à vontade no imenso castelo que o recém-nascido chamaria de lar e toda a aldeia de Clyvedon parou de trabalhar para participar dos festejos organizados pelo pai do jovem conde.

– Esse não é um bebê comum – disse o padeiro ao ferreiro.

Falou isso porque Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset não passaria a vida como conde de Clyvedon. Esse era apenas um título de cortesia. O bebê – que possuía mais nomes do que qualquer criança de sua idade poderia precisar – era herdeiro de um dos mais antigos e abastados ducados da Inglaterra. E seu pai, o nono duque de Hastings, esperara anos por esse momento.

No corredor fora do quarto da esposa, ninando o bebê que chorava a plenos pulmões, o duque quase explodia de orgulho. Já beirando os 50 anos, assistira a seus amigos – todos duques e condes – produzirem um herdeiro após o outro. Alguns tiveram de se contentar com o nascimento de meninas antes de conseguir gerar um precioso menino, mas, no fim, todos garantiram que sua linhagem continuaria, que seu sangue passaria para a geração seguinte da elite inglesa.

Mas não o duque de Hastings. Embora sua esposa tivesse concebido cinco vezes nos quinze anos de casamento, apenas duas gestações vingaram, e ambos os bebês nasceram mortos. Depois da quinta gravidez, que terminara com um aborto sangrento no quinto mês, médicos e cirurgiões disseram-lhes que não deveriam de jeito nenhum fazer uma nova tentativa de ter um filho. A vida da duquesa estaria em perigo. Ela estava frágil demais, fraca demais e, talvez – observaram com delicadeza –, velha demais. O duque teria simplesmente que se conformar com o fato de que o ducado deixaria de pertencer à família Basset.

Mas a duquesa, que Deus a abençoasse, sabia qual era seu papel na vida. Após um período de seis meses de recuperação, ela abriu a porta que ligava os aposentos dos dois e o duque recomeçou sua busca por um herdeiro.

Cinco meses depois, ela informou ao marido que estava grávida. A euforia imediata dele só foi ofuscada por sua resolução de que nada – absolutamente nada – estragaria essa nova tentativa. A duquesa foi confinada à cama no instante em que parou de menstruar. Um médico ia vê-la todos os dias e, na

metade da gravidez, o duque encontrou o profissional de medicina mais respeitado de Londres e lhe pagou uma alta quantia para que abandonasse o consultório e se mudasse temporariamente para o castelo de Clyvedon.

Dessa vez ele não ia correr risco algum. Teria um filho e o ducado permaneceria nas mãos dos Bassets.

A duquesa começou a sentir as dores do parto um mês antes da hora, e colocaram almofadas sob seus quadris. A gravidade poderia manter o bebê em seu corpo, explicou o Dr. Stubbs. O duque considerou o argumento plausível e, depois que o médico se retirou para repousar, pôs ainda mais um travesseiro debaixo da esposa, posicionando-a num ângulo de 20 graus. Ela permaneceu assim por trinta dias.

E então, finalmente, chegou o momento decisivo. Toda a casa rezou pelo duque, que queria tanto um herdeiro, e alguns se lembraram de rezar pela duquesa, que continuava magra e frágil apesar de sua barriga ter se tornado redonda e larga. Todos tentaram não nutrir muitas esperanças – afinal, a nobre já havia parido e enterrado dois bebês. E mesmo que conseguisse dar à luz um bebê vivo, poderia ser uma menina.

Quando os gritos da duquesa ficaram mais altos e mais frequentes, seu marido se dirigiu aos aposentos dela, ignorando os protestos do médico, da parteira e da criada. O local estava coberto de sangue, mas o duque fazia questão de estar presente quando o sexo do bebê fosse revelado.

A cabeça do feto apareceu, seguida dos ombros. Todos se inclinaram para a frente a fim de observar enquanto a duquesa fazia força e empurrava, até que...

Até que o duque soube que Deus existe e ainda sorria para os Bassets. Esperou um instante para que a parteira limpasse o bebê, então pegou o menininho nos braços e se dirigiu ao salão para exibi-lo.

– Eu tenho um filho! – anunciou ele. – Um filhinho perfeito!

Enquanto os criados comemoravam e choravam de alívio, o duque olhou para o minúsculo condezinho e disse:

– Você é perfeito. É um Basset. E é meu.

Queria levá-lo para fora do castelo a fim de provar a todos que finalmente havia gerado um menino saudável, mas como no início de abril o clima era um pouco frio, deixou que a parteira o devolvesse aos braços da mãe. O duque montou um de seus cavalos premiados para comemorar, desejando a todos os que pudessem ouvir a mesma boa sorte que tivera.

Enquanto isso, a duquesa, que não parara de sangrar desde o parto, ficou inconsciente e, por fim, faleceu.

O duque lamentou a morte da esposa. De verdade. Ele não a amava, é claro, nem ela a ele, mas os dois haviam sido amigos de uma forma estranhamente distante. Ele não esperara nada do casamento além de um filho e herdeiro, e quanto a isso ela se provara exemplar. O soberano ordenou que flores frescas fossem levadas toda semana a seu mausoléu, qualquer que fosse a estação do ano, e seu retrato foi transferido da sala de estar para o saguão, em posição de destaque acima da escadaria.

E então o duque começou a pensar na criação do filho.

Não pôde fazer muito no primeiro ano. O bebê era jovem demais para palestras sobre administração de terras e responsabilidade, de modo que o duque o deixou sob os cuidados de uma ama e foi para Londres, onde sua vida continuou praticamente como era antes de ele ser abençoado pela paternidade. A única diferença era que agora ele forçava todos – até mesmo o rei – a olhar para o pequeno retrato do filho que havia mandado pintar logo depois de seu nascimento.

O duque visitou Clyvedon algumas vezes, e retornou em definitivo no segundo aniversário de Simon, pronto para assumir a educação do juvenzinho. Mandou que lhe comprassem um pônei, selecionassem uma pequena arma que ele usaria no futuro na caça à raposa e contratassem tutores de todas as disciplinas conhecidas pelo homem.

– Ele é jovem demais para tudo isso! – exclamou a ama Hopkins.

– Bobagem – respondeu o homem, com condescendência. – Evidentemente, não espero que ele domine nada disso logo, mas nunca é cedo demais para dar início à educação de um duque.

– Ele não é um duque – resmungou a ama.

– Vai ser – disse ele.

Virou-se de costas para ela e se agachou ao lado do filho, que estava no chão montando um castelo assimétrico com um conjunto de blocos. Fazia vários meses que o duque não ia a Clyvedon e ficou satisfeito com o crescimento de Simon. Ele era um menininho robusto e saudável, com cabelos castanhos sedosos e olhos azul-claros.

– O que está construindo aí, filho?

Simon sorriu e apontou.

O duque olhou para a ama Hopkins.

– Ele não fala?

Ela balançou a cabeça.

– Ainda não, Alteza.

O duque franziu a testa.

– Ele já tem 2 anos. Já não deveria estar conversando?

– Algumas crianças levam mais tempo que outras, Alteza. Sem dúvida ele é um menininho inteligente.

– É claro que sim. É um Basset.

A ama assentiu. Ela sempre assentia quando o duque falava da superioridade do sangue de sua família.

– Talvez ainda não tenha nada que ele queira dizer – sugeriu ela.

O duque não pareceu convencido, mas deu a Simon um soldadinho de brinquedo, acariciou-lhe a cabeça e saiu para exercitar a nova égua que havia adquirido do lorde Worth.



Dois anos depois, no entanto, ele já não estava tão confiante.

– *Por que ele ainda não fala?* – explodiu o duque.

– Não sei – respondeu a ama, retorcendo as mãos.

– O que você fez com ele?

– Eu não fiz nada!

– Se estivesse fazendo seu trabalho direito, *ele* – disse o duque, apontando um dedo furioso na direção de Simon – estaria falando.

O menino, que estava treinando suas letras numa escrivadinha em miniatura, observava a conversa com interesse.

– Ele tem 4 anos, pelo amor de Deus! – bradou o duque. – Já deveria saber falar.

– Ele sabe escrever – retrucou a ama. – Criei cinco crianças, e nenhuma delas tinha o talento com as letras que o pequeno Simon tem.

– Ele vai ter que escrever muito se não souber falar. – Virou-se para o filho com os olhos cheios de raiva. – Fale comigo, droga!

O menino retraiu-se, com o lábio inferior trêmulo.

– Alteza! – exclamou a ama. – O senhor está assustando a criança.

O homem virou-se para ela.

– Talvez ele deva levar um susto – falou. – Talvez o que esteja precisando seja uma grande dose de disciplina. Uma boa surra pode ajudá-lo a encontrar a voz.

O duque agarrou a escova de prata que a ama usava para pentear os cabelos de Simon e avançou na direção do filho.

– Vou fazer você falar, seu pequeno idiota...

– *Não!*



A ama ofegou. O duque deixou a escova cair. Foi a primeira vez que ouviram a voz da criança.

– O que você disse? – sussurrou o duque, com os olhos se enchendo de lágrimas.

O menino cerrou os punhos ao lado do corpo e projetou o queixinho à frente enquanto falava.

– Não me b-b-b-b-b-b...

O rosto do soberano ficou mortalmente pálido.

– O que ele está dizendo?

Simon tentou pronunciar a frase de novo.

– N-n-n-n-n-n-n...

– Meu Deus – bufou o duque, aterrorizado. – Ele é um idiota.

– Não é, não! – gritou a ama, lançando os braços ao redor do menino.

– N-n-n-n-n-n-n-não b-b-b-b-b-b-bata... – Simon respirou fundo – em *mim*.

O duque afundou no assento próximo à janela e enterrou a cabeça nas mãos.

– O que eu fiz para merecer isso? O que eu posso ter feito... – lamentou-se.

– O senhor deveria estar elogiando o menino! – observou a ama Hopkins.

– Está há quatro anos esperando que ele fale e...

– E ele é um idiota! – berrou. – Um pequeno idiota!

Simon começou a chorar.

– Hastings ficará nas mãos de um débil mental – gemeu o duque. – Todos esses anos rezando por um herdeiro e agora está tudo perdido. Terei que deixar o título para meu primo. – Virou-se para o filho, que soluçava e secava os olhos, tentando parecer forte diante do pai. – Não consigo sequer olhar para ele. – Soltou um arquejo. – Não consigo.

Ao dizer isso, o homem saiu da sala.

A ama Hopkins deu um abraço apertado no menino.

– Você não é um idiota – afirmou categoricamente, num sussurro. – É o menininho mais inteligente que eu conheço. E, se existe alguém capaz de aprender a falar direito, sei que esse alguém é você.

Simon se entregou ao abraço carinhoso e chorou de soluçar.

– Vamos mostrar a ele – jurou a ama. – Ele vai engolir o que disse, nem que seja a última coisa que eu faça.



A ama Hopkins se mostrou fiel à promessa. Quando o duque de Hastings se mudou para Londres e tentou fingir que não tinha um filho, ela passava o

tempo inteiro com Simon, proferindo palavras e sílabas, sem poupar elogios quando ele acertava e o encorajando quando errava.

O progresso foi lento, mas a fala do menino melhorou. Quando ele fez 6 anos, “n-n-n-n-n-n-n-não” havia virado “n-n-não”, e aos 8, conseguia dizer frases inteiras sem hesitar. Ele ainda se enrolava quando ficava nervoso e a ama tinha que lembrá-lo com frequência de que ele precisava se manter tranquilo e focado se quisesse que as palavras saíssem completas.

Mas Simon era determinado, inteligente e, talvez o mais importante, muito obstinado. Aprendeu a tomar fôlego antes de cada frase e a pensar nas palavras antes de tentar pronunciá-las. Ficava atento à sensação em sua boca quando falava de maneira correta e tentava analisar o que dava errado quando não conseguia.

E finalmente, aos 11 anos, ele se virou para a ama, fez uma pausa para organizar os pensamentos e disse:

– Acho que está na hora de irmos ver meu pai.

A ama olhou para ele apreensiva. O duque não via o menino havia sete anos. E não respondera a nenhuma das cartas que Simon lhe enviara. Tinham sido quase cem.

– Você tem certeza? – perguntou ela.

Simon assentiu.

– Muito bem, então – concordou a ama. – Vou solicitar uma carruagem. Partiremos para Londres amanhã.

A viagem durou um dia e meio, e já era quase noite quando a carruagem parou diante da Casa Basset. Simon olhava maravilhado para as movimentadas ruas da cidade enquanto a ama o conduzia pela escadaria da entrada. Nenhum dos dois jamais estivera na Casa Basset antes, de modo que, quando chegou à porta da frente, a ama não sabia o que fazer a não ser bater. A porta se abriu em segundos e eles foram observados de cima a baixo por um mordomo bastante imponente.

– Entregas são feitas pelos fundos – informou ele, estendendo o braço para fechar a porta.

– Espere um pouco! – disse a ama rapidamente, colocando o pé entre a porta e o batente. – Não somos criados.

O mordomo olhou com desdém para as roupas dos dois.

– Bem, eu sou, mas ele não – completou ela. Agarrou o braço de Simon e o empurrou para a frente. – Este é o conde de Clyvedon, e seria prudente tratá-lo com o devido respeito.

O mordomo ficou boquiaberto e piscou várias vezes antes de dizer:

– Até onde sei, o conde de Clyvedon está morto.

– O quê? – gritou a ama.

– Com certeza eu não estou morto! – exclamou Simon, com toda a justificada indignação de um menino de 11 anos.

O mordomo examinou o garoto, reconheceu imediatamente que ele tinha os traços dos Bassets e os fez entrar.

– Por que você pensou que eu estivesse m-morto? – perguntou Simon, amaldiçoando a si mesmo por gaguejar, mas sem se surpreender. Era comum que isso acontecesse quando ficava com raiva.

– Não cabe a mim dizer – respondeu o mordomo.

– Certamente cabe – rebateu a ama. – Não se pode dizer uma coisa dessas a um menino da idade dele e não se explicar.

O mordomo ficou em silêncio por um instante e então finalmente falou:

– Sua Alteza não se refere ao senhor há anos. Da última vez que alguém tocou no assunto, disse que não tinha filhos. Como pareceu muito triste com isso, ninguém levou a conversa adiante. Nós, os criados, imaginamos que o senhor tivesse falecido.

Simon sentiu as mandíbulas se apertarem e a garganta arder.

– Ele não teria ficado de luto? – questionou a ama. – Vocês não pensaram nisso? Como podem ter suposto que o menino estava morto se o pai não ficou de luto?

O mordomo deu de ombros.

– Sua Alteza veste preto com bastante frequência. O luto não teria alterado esse costume dele.

– Isso é um ultraje! – decretou ela. – Exijo que vá chamar Sua Alteza imediatamente.

Simon não disse nada. Estava se esforçando muito para manter as emoções sob controle. Precisava fazer isso. Nunca conseguiria falar com o pai com o sangue fervendo daquela maneira.

O mordomo assentiu.

– Ele está no andar de cima. Vou avisá-lo agora mesmo da vossa chegada.

A ama começou a andar de um lado para outro, descontrolada, resmungando baixinho e se referindo a Sua Alteza com todas as palavras vis de seu surpreendentemente extenso vocabulário. Simon permaneceu no centro da sala, plantado ali com os braços esticados ao lado do corpo enquanto respirava fundo.

*Você vai conseguir!*, gritava mentalmente. *Você vai conseguir!*

A ama se virou para ele, viu-o tentando dominar a raiva e deu um suspiro.

– Sim, isso mesmo – disse ela rapidamente, ajoelhando-se e tomando as mãos do menino nas suas. Sabia melhor do que ninguém o que aconteceria se Simon tentasse encarar o pai naquele estado de espírito. – Respire fundo. E pense bem nas palavras antes de falar. Se você conseguir controlar...

– Vejo que ainda está mimando o menino – comentou uma voz imperiosa que vinha do vão da porta.

A ama Hopkins se endireitou e se virou devagar. Tentou pensar em algo respeitoso para dizer. Pôs-se a imaginar qualquer coisa que aliviaria aquela terrível situação. Mas ao olhar para o duque, viu Simon nele e sua raiva se renovou. O homem podia ser igual ao filho fisicamente, mas com certeza não era um pai para ele.

– O senhor é desprezível – disparou ela.

– E a senhora está despedida – decretou ele, enquanto a ama recuava. – Ninguém fala assim com o duque de Hastings. Ninguém!

– Nem mesmo o rei? – provocou Simon.

O duque deu um rodopio, sem sequer notar que o filho havia falado claramente.

– Você – disse ele em voz baixa.

Simon assentiu. Havia conseguido dizer uma frase corretamente, mas uma frase curta, e não queria abusar da sorte. Não enquanto ainda estava tão perturbado. Em geral conseguia passar dias sem gaguejar, mas agora... a forma como seu pai o encarava fazia com que se sentisse um bebê. Um bebê idiota. E de repente sua língua parecia estranha e grossa.

O duque sorriu de forma cruel.

– O que tem a dizer, menino? Hein? O que tem a *dizer*?

– Está tudo bem, Simon – sussurrou a ama Hopkins, lançando um olhar furioso para o duque. – Não deixe que ele o perturbe. Você consegue, querido.

E de alguma maneira o encorajamento dela piorou tudo. O garoto fora até ali para provar seu valor ao pai, e agora sua ama o estava tratando como um bebezinho.

– Qual é o problema? – provocou o duque. – O gato comeu sua língua?

Os músculos de Simon ficaram tão tensos que ele começou a tremer.

Pai e filho se encararam pelo que pareceu uma eternidade, até que o duque praguejou e partiu em direção à porta.

– Você é meu pior fracasso – sibilou ele. – Não sei o que fiz para merecer isso, mas se Deus quiser nunca mais o verei novamente.

– Alteza! – repreendeu a ama Hopkins, indignada. – Isso não é maneira de falar com uma criança!

– Tire-o da minha frente! – gritou ele. – Você pode ficar no emprego desde que o mantenha longe de mim.

– Espere!

O duque se virou lentamente ao som da voz de Simon.

– Você disse alguma coisa? – perguntou ele com a fala arrastada.

O garoto respirou fundo pelo nariz três vezes, com os lábios ainda apertados de raiva. Forçou a mandíbula a relaxar e passou a língua no céu da boca, tentando lembrar a si mesmo a sensação de falar corretamente. Por fim, quando o duque estava prestes a mandá-lo embora de novo, ele abriu a boca e disse:

– Eu sou seu filho.

O menino ouviu a ama dar um suspiro de alívio e algo que ele nunca vira antes brotou nos olhos de seu pai. Orgulho. Não muito, mas algum, espreitando nas profundezas. Algo que deu a Simon uma centelha de esperança.

– Eu sou seu filho – falou mais uma vez, agora um pouco mais alto. – E não estou m...

De repente, a garganta fechou. E ele entrou em pânico.

*Você vai conseguir. Você vai conseguir.*

Mas a garganta estava apertada, a língua parecia grossa, e o pai começou a estreitar os olhos...

– Eu não estou m-m-m...

– Vá para casa – disse o duque em voz baixa. – Não existe lugar para você aqui.

Simon sentiu no âmago a rejeição do pai. Experimentou uma espécie peculiar de dor tomando conta de seu corpo e envolvendo o coração. E, conforme o ódio lhe invadia e transbordava por seus olhos, ele fez uma promessa solene.

Se não podia ser o filho que o pai queria, então seria *exatamente o oposto*.

## CAPÍTULO 1

*Os Bridgertons são, de longe, a família mais fértil da alta sociedade. Essa qualidade da viscondessa e do falecido visconde é admirável, embora se possa dizer que suas escolhas de nomes para os filhos sejam bastante infelizes. Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth. É claro que a organização é sempre algo benéfico, mas seria de*

esperar que pais inteligentes fossem capazes de manter os filhos na linha sem precisar escolher seus nomes em ordem alfabética.

Além disso, a visão da viscondessa e de todos os seus oito filhos num único ambiente é o bastante para que se ache que está vendo dobrado, ou triplificado, ou pior. Esta autora nunca tinha presenciado um grupo de irmãos tão absurdamente parecidos. Embora a autora não tenha memorizado as cores de seus olhos, todos os oito têm estruturas ósseas semelhantes e os mesmos cabelos grossos e castanhos. É lamentável que a viscondessa, que está atrás de bons casamentos para a prole, não tenha tido filhos mais elegantes. Ainda assim, há vantagens numa família de aparência tão consistente: não há dúvida de que todos são legítimos.

Ah, gentil leitor... Sua dedicada autora gostaria que fosse assim entre todas as grandes famílias...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,  
26 DE ABRIL DE 1813

— **A**aaaaaahhhhhhhhhh! – Violet Bridgerton amassou o jornal de apenas uma página numa bola e o atirou para o outro lado da elegante sala de estar.

Sua filha Daphne foi sensata e não fez comentário algum. Fingiu estar concentrada em seu bordado.

– Você leu o que ela escreveu? – perguntou Violet. – Leu?

Daphne olhou para a bola de papel, agora embaixo de uma mesa de canto de mogno.

– Não tive a oportunidade de ler antes de você, hã, terminar.

– Leia, então! – gritou ela, agitando o braço no ar de forma dramática. – Veja como *aquela mulher* nos difamou!

Daphne largou calmamente o bordado e pegou o jornal amassado embaixo da mesinha. Esticou a folha no colo e leu o texto sobre a família. Piscou algumas vezes, depois ergueu o olhar.

– Não é tão ruim, mãe. Na verdade, é uma bênção comparado ao que ela escreveu sobre os Featheringtons na semana passada.

– Como posso conseguir um marido para você com *essa mulher* difamando seu nome?

Daphne se obrigou a respirar fundo. Depois de quase duas temporadas em Londres, a simples menção da palavra “marido” era suficiente para fazer sua

cabeça latejar. Ela queria se casar, de fato queria, e não estava sequer sonhando com um amor verdadeiro. Mas desejar um marido por quem tivesse ao menos um pouco de afeição era pedir muito?

Até então, quatro homens haviam pedido sua mão, mas quando pensara em viver o resto de seus dias na companhia de qualquer um deles, Daphne simplesmente não conseguiu aceitar. Havia vários cavalheiros que ela acreditava que poderiam ser maridos razoáveis, mas o problema era que nenhum deles estava interessado nela. Ah, eles *gostavam* dela. Todo mundo gostava dela. Todos a achavam divertida, gentil e bem-humorada. Nenhum deles a considerava feia, mas também não ficavam hipnotizados por sua beleza, sem fala diante de sua presença, nem inspirados a compor poemas em sua homenagem.

Os homens – pensava ela com desagrado – estavam interessados apenas em mulheres que os amedrontavam. Ninguém parecia inclinado a cortejar alguém como ela. Todos a adoravam, ou ao menos era o que diziam, porque ela era muito simpática e parecia entendê-los.

Certa vez, um dos homens que Daphne julgara que poderia ser um marido aceitável dissera: “Por Deus, Daff, você não é como a maioria das mulheres. Você é absolutamente normal.” Ela poderia ter considerado isso um elogio, se ele não tivesse saído para correr atrás da beldade loira mais recente.

Daphne olhou para baixo e percebeu que estava com o punho cerrado. Então ergueu os olhos e se deu conta de que a mãe a encarava, sem dúvida esperando que ela dissesse alguma coisa. Como já havia suspirado, Daphne pigarreou e afirmou:

– Tenho certeza de que essa coluninha de Lady Whistledown não vai prejudicar minhas chances de encontrar um marido.

– Daphne, já faz dois anos!

– E ela escreve há apenas três meses, de modo que não vejo como a culpa possa ser dela.

– Posso culpar quem eu quiser – resmungou Violet.

As unhas de Daphne feriram as palmas de suas mãos enquanto ela se esforçava para conter as palavras. Sabia que no fundo a mãe tinha apenas as melhores intenções, que a amava. E o amor era recíproco. Na verdade, até Daphne chegar à idade de ser desposada, Violet com certeza havia sido a melhor das mães. Ainda era, quando não estava desesperada pelo fato de que, depois de Daphne, tinha mais três filhas para casar.

Violet pousou delicadamente a mão no peito.

– Ela disse infâmias sobre sua linhagem.

– Não – afirmou Daphne, com certa cautela. Era sempre aconselhável ter

cuidado ao contradizer a mãe. – Na verdade, o que ela disse foi que não poderia haver dúvida de que somos todos legítimos. Isso é mais do que se pode dizer da maioria das grandes famílias da *sociedade*.

– Ela não deveria sequer ter mencionado isso – falou Violet, torcendo o nariz.

– Mamãe, ela escreve um jornal sensacionalista. Faz parte do trabalho dela falar desse tipo de coisa.

– Ela nem sequer é uma pessoa de carne e osso – acrescentou Violet, irritada. Pousou as mãos nos quadris estreitos, então mudou de ideia e sacudiu o dedo no ar. – Whistledown, rá! Nunca ouvi falar de nenhum Whistledown. Quem quer que seja essa mulher perversa, duvido que seja uma de *nós*. Como se alguém de berço fosse escrever mentiras tão ferinas...

– É claro que ela é uma de nós – disse Daphne, com ar divertido. – Se não fosse membro da *sociedade*, não teria conhecimento do tipo de notícia que dá. A senhora acha que ela é uma espécie de impostora, que espia através de janelas e escuta atrás de portas?

– Não estou gostando do seu tom, Daphne Bridgerton – advertiu Violet, estreitando os olhos.

A jovem tentou conter uma risada. “Não estou gostando do seu tom” era a resposta padrão de sua mãe quando um dos filhos estava ganhando uma discussão.

Mas era muito divertido provocá-la.

– Eu não me surpreenderia – falou, virando a cabeça de lado – se Lady Whistledown fosse uma de suas amigas.

– Dobre a língua, Daphne. Nenhuma amiga minha chegaria a um nível tão baixo.

– Muito bem – admitiu –, provavelmente não é uma delas. Mas tenho certeza que é alguém que conhecemos. Nenhum intruso jamais conseguiria as informações que ela tem.

Violet cruzou os braços.

– Eu gostaria de acabar com ela de uma vez por todas.

– Se é isso que deseja, não deveria apoiá-la comprando o jornal. – Daphne não resistiu à observação.

– E de que isso me serviria? – questionou a mulher. – Todo mundo lê. Meu boicotezinho insignificante não faria nada além de me deixar com cara de boba quando todos estiverem rindo do último mexerico.

Isso era verdade, Daphne pensou. A alta sociedade de Londres em peso lia as crônicas de Lady Whistledown. O misterioso jornal chegara à soleira da



porta de todas as pessoas importantes da cidade três meses antes. Ao longo de duas semanas, fora entregue invariavelmente às segundas, quartas e sextas-feiras. E então, na terceira segunda-feira, quando os mordomos de todas as famílias de prestígio esperavam pelo entregador, descobriram que cada exemplar do periódico de fofocas estava sendo vendido pela exorbitante quantia de cinco *pennies*.

Daphne sentia-se obrigada a admirar a inteligência da fictícia Lady Whistledown. Quando começou a cobrar pelas fofocas, toda a sociedade estava viciada. Todos entregavam suas moedas e, em algum lugar, uma mulher intronada estava ficando muito rica.

Enquanto Violet andava de um lado para outro bufando por conta daquela “terrível ofensa” contra sua família, Daphne deu uma olhada para ter certeza de que a mãe não estava prestando atenção nela e começou a ler o restante do jornal. O *Whistledown* – como a publicação passou a ser chamada – era uma curiosa mistura de comentários, notícias sociais, insultos mordazes e elogios ocasionais. O que o diferenciava de quaisquer outros periódicos do tipo era o fato de que a autora citava o nome completo das pessoas. Ninguém ficava camuflado por abreviações como *lorde S.* e *Lady G.* Quando Lady Whistledown queria escrever sobre alguém, dizia quem a pessoa era. A sociedade se declarava escandalizada, mas no íntimo estava fascinada.

O último número do *Whistledown* era uma edição típica. Além do pequeno artigo sobre os Bridgertons – que na verdade não passava de uma descrição da família –, a escritora relembra os acontecimentos do baile da noite anterior. Daphne não havia comparecido, porque fora aniversário de sua irmã mais nova e os Bridgertons davam muita importância para datas como essa. Com oito filhos, havia sempre muitos aniversários a serem celebrados.

– Você está lendo essa porcaria – acusou Violet.

Daphne ergueu o olhar, recusando-se a se sentir minimamente culpada.

– A coluna está muito boa hoje. Parece que Cecil Tumbley derrubou uma torre inteira de taças de champanhe ontem à noite.

– É mesmo? – perguntou sua mãe, tentando mostrar desinteresse.

– É – disse Daphne. – Ela faz um ótimo relato do baile Middlethorpe. Diz quem conversou com quem, o que todos estavam vestindo...

– E imagino que ela tenha sentido a necessidade de dar sua opinião a respeito de tudo isso – interrompeu Violet.

Daphne deu um sorriso travesso.

– Ah, por favor, mãe. A senhora sabe que a Sra. Featherington sempre fica horrorosa de roxo.

Violet tentou não sorrir. Daphne viu os cantos dos lábios da mãe se retorcerem enquanto ela tentava manter a compostura que considerava adequada a uma viscondessa na presença da filha. Mas, em dois segundos, estava sentada ao lado de Daphne no sofá.

– Deixe-me ver isso – disse ela, pegando o jornal. – O que mais aconteceu? Perdemos alguma coisa importante?

– Sinceramente, mamãe – respondeu a jovem. – Com Lady Whistledown como repórter, não é necessário *ir* a nenhum evento. – Apontou para a publicação. – Isso é quase tão bom quanto realmente ter estado lá. É provável que seja até mais satisfatório. Tenho certeza de que comemos melhor ontem do que os convidados do baile. E me devolva isso aqui. – Agarrou o periódico de volta, deixando um canto rasgado na mão de Violet.

– Daphne!

A menina fingiu indignação:

– Eu estava lendo.

– Ora!

– Ouça isto.

Violet inclinou-se para a frente e Daphne começou a ler:

– “O libertino anteriormente conhecido como conde de Clyvedon finalmente decidiu agraciar Londres com sua presença. Embora ainda não tenha se dignado a comparecer a nenhum evento noturno respeitável, o novo duque de Hastings foi visto diversas vezes no White’s e uma vez no Tattersall’s.” – Fez uma pausa para respirar. – “Sua Alteza residiu no exterior por seis anos. Será coincidência que tenha retornado apenas agora que o velho duque está morto?” – Ela ergueu o olhar. – Minha nossa, ela é bem direta, não? Clyvedon não é amigo de Anthony?

– É Hastings agora – disse Violet automaticamente. – E, sim, acredito que ele e Anthony tenham sido amigos em Oxford. Acho que em Eton também. – Franziu a testa e estreitou os olhos azuis, pensativa. – Ele era meio problemático, pelo que me lembro. Estava sempre em conflito com o pai. Mas tem fama de ser brilhante. Tenho quase certeza de que Anthony falou que ele era o melhor da turma em matemática. O que – acrescentou dando uma revirada de olhos típica de mãe – é mais do que posso dizer de qualquer um dos *meus* filhos.

– Ai, mãe... – provocou Daphne. – Não tenho nenhuma dúvida de que ficaria em primeiro lugar em Oxford se aceitassem mulheres.

Violet riu.

– Eu corrigia seus trabalhos de aritmética quando sua professora ficava doente, Daphne.

– Bem, talvez em história, então – disse Daphne, sorrindo. Voltou a olhar para o jornal em suas mãos, indo direto para o nome do novo duque. – Ele parece bem interessante – murmurou.

Violet olhou para ela atentamente.

– Ele não é nem um pouco adequado para uma moça da sua idade, isso sim.

– É curioso que a senhora me ache jovem demais para *conhecer* os amigos de Anthony e ao mesmo tempo tão velha que morre de medo de que eu jamais consiga um bom casamento.

– Daphne Bridgerton, não estou...

– ... gostando do meu tom, eu sei. – A jovem sorriu. – Mas a senhora me ama.

Violet sorriu calorosamente e passou um braço sobre o ombro da filha.

– Isso é verdade, amo mesmo.

Daphne deu um leve beliscão na bochecha da mãe.

– É a maldição da maternidade. A senhora precisa nos amar mesmo quando nós a irritamos.

Violet deu um suspiro.

– Espero que um dia você tenha filhos...

– ... exatamente como eu, eu sei. – Daphne deu um sorriso melancólico e apoiou a cabeça no ombro de Violet. A mãe era questionadora em excesso e o pai se mostrara mais interessado em cães e caçadas do que em assuntos da alta sociedade, mas os dois haviam tido um casamento afetuoso, cheio de amor, alegria e filhos. – Eu poderia fazer coisas muito piores do que seguir seu exemplo, mamãe – murmurou ela.

– Nossa, Daphne – falou Violet, com os olhos se enchendo de lágrimas. – Que coisa encantadora de se dizer.

A jovem enrolou um cacho dos cabelos castanhos no dedo, sorriu e transformou o momento sentimental em provocação.

– Ficarei feliz de seguir seus passos em relação a casamento e filhos, mamãe, desde que eu não precise dar à luz oito crianças.



Naquele exato momento, Simon Basset, o novo duque de Hastings – assunto da conversa de Violet e Daphne –, estava sentado no White's. Sua companhia era ninguém menos que Anthony Bridgerton, o irmão mais velho de Daphne. Os dois formavam uma dupla formidável, ambos altos e fortes, com cabelos escuros bem fartos. Mas enquanto os olhos de Anthony eram casta-

nho-escuros como os da irmã, os de Simon eram azul-claros, extraordinariamente penetrantes.

Tinham sido esses olhos, mais do que qualquer coisa, que haviam lhe conferido sua reputação de homem importante e influente. Quando encarava alguém com firmeza e determinação, a pessoa se sentia desconfortável se fosse homem e estremeceu se fosse mulher.

Mas não Anthony. Os dois se conheciam havia anos, e o rapaz apenas ria quando Simon levantava uma sobrancelha e lançava seu olhar gelado para ele.

– Nem tente. Já vi você com a cabeça enfiada num penico – dissera-lhe Anthony certa vez. – Desde então ficou difícil levá-lo a sério.

– Sim, mas, se não me falha a memória, era você quem estava me segurando sobre aquele receptáculo perfumado – respondera o amigo.

– Um de meus melhores momentos, sem dúvida. Mas você teve sua vingança na noite seguinte, na forma de uma dúzia de enguias na minha cama.

Simon se permitiu sorrir ao lembrar tanto o incidente quanto a conversa sobre ele. Anthony era um bom amigo, exatamente do tipo com que um homem gostaria de contar em caso de necessidade. Havia sido a primeira pessoa que Simon procurara ao retornar à Inglaterra.

– Que bom que você voltou, Clyvedon – disse Anthony depois que os dois se sentaram no White's. – Ah, imagino que você prefira que eu lhe chame de Hastings agora.

– Não – afirmou Simon de forma categórica. – Hastings será sempre meu pai. Ele nunca atendeu por qualquer outro nome. – Fez uma pausa. – Assumirei o título dele, se for obrigado a isso, mas não usarei seu nome.

– Se for obrigado a isso? – Anthony arregalou os olhos. – A maioria dos homens não pareceria tão conformada diante da perspectiva de receber um ducado de herança.

Simon passou a mão pelos cabelos escuros. Sabia que deveria cuidar de seu direito de nascença e exibir um orgulho incontestável pela história cheia de glórias da família Basset, mas a verdade era que tudo aquilo o deixava mal. Passara a vida inteira sem corresponder às expectativas do pai. Agora parecia ridículo tentar ficar à altura do nome dele.

– Esse título é um fardo maldito, isso sim – resmungou ele por fim.

– É melhor você se acostumar – disse Anthony de forma pragmática. – Porque é como todos irão chamá-lo.

Simon sabia que era verdade, mas duvidava que o nome algum dia lhe caísse bem.

– De qualquer forma – acrescentou Anthony, respeitando a privacidade do

amigo ao não insistir num tema que claramente o deixava desconfortável –, estou contente por ter você de volta. Talvez enfim tenha alguma paz da próxima vez que acompanhar minha irmã a um baile.

Simon recostou-se e cruzou as pernas longas e musculosas.

– Que comentário intrigante.

Anthony ergueu uma sobrancelha.

– Um comentário que você tem certeza que eu explicarei?

– Mas é claro.

– Eu deveria deixá-lo descobrir por si mesmo, mas nunca fui um homem cruel.

Simon riu.

– Diz o homem que enfiou minha cabeça num penico.

Anthony descartou o comentário com um aceno.

– Eu era jovem – justificou-se.

– E agora é um exemplo de maturidade e decoro?

Anthony sorriu.

– Isso mesmo.

– Então me diga – continuou Simon –, como exatamente eu tornarei sua existência tão mais tranquila?

– Imagino que você esteja planejando assumir seu lugar na sociedade.

– Imaginou errado.

– Mas *está* pensando em ir ao baile de Lady Danbury, esta semana – argumentou Anthony.

– Apenas porque adoro aquela senhora. Ela diz o que pensa e... – Simon semicerrou os olhos.

– E? – perguntou Anthony.

Simon balançou a cabeça.

– Nada. É só que ela foi muito gentil comigo quando eu era criança. Passei alguns feriados escolares na casa dela com Riverdale, seu sobrinho.

Anthony assentiu.

– Sei. Então você não tem intenção de entrar para a sociedade. Estou impressionado com sua determinação. Mas deixe-me lhe dar um aviso: mesmo que não queira participar dos eventos sociais, *elas* vão encontrar você.

Simon, que estava no meio de um gole de conhaque, engasgou com a tensão no rosto de Anthony quando ele disse “elas”. Depois de alguns instantes tossindo, enfim conseguiu perguntar:

– Por favor me diga: quem são “elas”?

Anthony estremeceu.

– As mães.

– Como não tive uma, não sei se entendo o que quer dizer.

– As mães da sociedade, seu tolo. Aqueles dragões cuspidores de fogo que têm filhas em idade de casar, que Deus nos ajude. Você pode fugir, mas é impossível se esconder delas. E devo alertá-lo para o fato de que a minha é a pior de todas.

– Minha nossa... E eu pensando que a África era perigosa.

Anthony lançou um olhar de pena ao amigo.

– Elas caçarão você. E, quando o encontrarem, você se verá preso a um diálogo com uma moça pálida toda vestida de branco que não consegue falar sobre nada além do clima, clubes de debutantes e fitas de cabelo.

Uma expressão animada tomou conta do rosto de Simon.

– Suponho, então, que durante minha estada no exterior você tenha se tornado um cavalheiro elegante.

– Não por vontade própria, posso lhe garantir. Se dependesse de mim, eu fugiria de eventos sociais como o diabo foge da cruz. Mas minha irmã debutou ano passado e sou obrigado a acompanhá-la de vez em quando.

– Daphne?

Anthony olhou para o amigo, surpreso.

– Vocês já se conhecem?

– Não – admitiu Simon. – Mas me lembro das cartas que ela mandava para você na escola. E lembrei que era a quarta dos filhos, de modo que seu nome teria que começar com D, e...

– Ah, sim – interrompeu Anthony, revirando levemente os olhos. – O método Bridgerton de batizar os filhos. Uma garantia para que ninguém se esqueça de quem são eles.

Simon riu.

– Funcionou, não foi?

– Escute, Simon – falou Anthony de repente, inclinando-se para a frente. – Prometi à minha mãe que jantaria na Casa Bridgerton esta semana, com a família. Por que não vai comigo?

O rapaz levantou uma sobrancelha.

– Você não acabou de me alertar sobre as mães da sociedade e suas filhas debutantes?

Anthony riu.

– Farei com que minha mãe se comporte. E não se preocupe com Daff. Ela é a exceção que comprova a regra. Você gostará muito dela.

Simon estreitou os olhos. Anthony estava bancando o casamenteiro? Não tinha como dizer.

Como se lesse seus pensamentos, Anthony riu.

– Meu Deus, você não acha que estou tentando juntar você e Daphne, acha? Simon não disse nada.

– Vocês nunca dariam certo – completou. – Você é muito taciturno para o gosto dela.

O rapaz achou esse comentário estranho, mas em vez de falar sobre isso preferiu perguntar:

– Então ela recebeu alguma proposta?

– Algumas. – Anthony bebeu o restante do conhaque e suspirou com satisfação. – Eu permiti que ela recusasse todas.

– Muito benevolente de sua parte.

O jovem deu de ombros.

– Talvez seja muito, hoje em dia, querer se casar por amor, mas não vejo por que ela não deva ser feliz com o marido. Recebemos propostas de um homem com idade para ser pai dela, de outro com idade para ser irmão mais novo do pai dela, de um que era arrogante demais na opinião de nosso barulhento clã, e esta semana, meu Deus, foi o pior!

– O que aconteceu? – perguntou Simon, curioso.

Anthony esfregou as têmporas.

– Este último era bastante agradável, mas de raciocínio meio lento. Era de esperar que depois dos nossos dias de libertinagem eu estaria completamente insensível...

– Mesmo? – perguntou Simon com um sorriso diabólico. – Era de esperar? Anthony repreendeu-o com o olhar.

– Não gostei muito de partir o coração do pobre coitado.

– Hã, não foi Daphne quem fez isso?

– Sim, mas fui *eu* quem deu a notícia a ele.

– Não há muitos homens que permitam às irmãs tamanha liberdade em relação a suas propostas de casamento – disse Simon, baixinho.

Anthony apenas deu de ombros novamente, como se não pudesse se imaginar tratando Daphne de qualquer outra forma.

– Ela é uma boa irmã. É o mínimo que posso fazer.

– Mesmo que signifique levá-la ao Clube Almack's? – desafiou Simon.

Anthony resmungou.

– Mesmo assim.

– Eu o consolaria dizendo que tudo estará terminado em breve, mas você tem, o quê, outras três irmãs esperando para debutar?

Anthony se afundou na cadeira.

– Eloise daqui a dois anos e Francesca daqui a três. Mas depois terei um pouco de paz até chegar a vez de Hyacinth.

Simon riu.

– Não invejo as suas responsabilidades nesse aspecto.

Mas, ao dizer isso, experimentou um desejo estranho e se perguntou como seria não se sentir tão sozinho no mundo. Não tinha planos de começar a própria família, mas quem sabe se tivesse uma, para início de conversa, sua vida não tivesse sido diferente.

– Então você irá comigo? – perguntou Anthony, se levantando. – Será um jantar informal, é claro. Nunca fazemos refeições formais quando estamos apenas em família.

Simon tinha muito a fazer nos dias seguintes, mas antes que pudesse lembrar a si mesmo que precisava se organizar, pegou-se dizendo:

– Eu adoraria.

– Ótimo. Nos encontramos na festa de Lady Danbury antes?

Simon estremeceu.

– Não se eu puder evitar. Meu objetivo é entrar e sair em menos de meia hora.

– Você realmente acha que vai conseguir ir à festa, cumprimentar Lady Danbury e ir embora? – perguntou Anthony, erguendo uma sobrancelha.

Simon assentiu de forma contundente e direta.

Mas a gargalhada de Anthony não foi muito reconfortante.

## CAPÍTULO 2

*O novo duque de Hastings é um personagem muito interessante. Ainda que seja de conhecimento geral que ele não se dava bem com o pai, nem mesmo esta autora conhece o motivo da desavença.*

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,  
26 DE ABRIL DE 1813

**M**ais tarde nessa semana, Daphne estava parada na extremidade do salão de baile de Lady Danbury, distante do elegante grupo de convidados. Sentia-se bastante satisfeita com sua posição.



## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)